

Devem ser retirados de circulação os manuais que contêm palavrões?  
Não.

**Palavrões são parte da linguagem e da vida.**

Antônio Álvares da Silva  
Professor titular da Faculdade de Direito da UFMG.

O homem é um animal social para Aristóteles ou animal simbólico, para Ernst Cassirer. Na sociabilidade ele se coloca em comunicação com seu semelhante e ambos integram-se na sociedade de que fazem parte. Pelo simbolismo, o homem empresta significado a tudo que faz. Cria o Estado, o Direito, as instituições humanas, tais como o contrato de trabalho, o casamento, a propriedade, a posse, o consumo. Tudo isto tem um significado simbólico que permite a organização da sociedade, de modo produtivo, duradouro e pacífico. O instrumento pelo qual o homem constrói a sociabilidade e o simbolismo é a linguagem.

A língua é um meio que cada pessoa usa para manifestar seu pensamento. A um som emitido pelos órgãos corporais próprios, se agrega um significado. Som e significado perfazem este instrumento misterioso e enigmático da linguagem, que é o principal atributo do homem e o diferencia de maneira decisiva dos outros animais.

Lembra o filósofo da linguagem, Charles Bally, em seu livro "A Linguagem e a Vida", que o homem faz a língua, mas a língua também faz o homem. Somos o que falamos e falamos o que o somos.

Mas a vida de todos nós tem muitas dimensões. Ora nos envolvemos no pensamento abstrato, quando refletimos sobre idéias e formulamos teorias. A linguagem aqui é formal e densa. Adquire seu grau máximo de concentração, tanto nos vocábulos quanto na estrutura.

Mas o homem também é emoção, vida, sentimentos que buscam no molde da construção linguística a aventura da expressão adequada. Então nascem os escritores e os poetas, que fazem da linguagem um meio de manifestação estética. A língua se transforma em arte e desperta prazer, alegria e emoção.

Estes dois tipos de linguagem se cruzam quando nos comunicamos. Enquanto falamos de amenidades e temas leves, com palavras descompromissadas, mudamos, sem notar, para compartimento diverso da linguagem densa, porque houve uma transformação de situações. A linguagem sempre acompanha nossas necessidades.

Quando nos utilizamos da fala como atualização da língua, temos em mira a comunicação direta. Então ela incorpora as sensações imediatas e emotivas que vivemos. Surge a linguagem popular, para transmitir estas situações concretas. É aqui que entram os chamados "palavrões".

Não há língua do mundo que não os utilize. A língua popular, enquanto reflexo da linguagem comum, é feita de significados próprios, entre os quais estão os palavrões, que transmitem um sentimento emotivo forte, de ódio ou alegria, medo ou insatisfação, que todos nós possuímos, em determinados momentos de nossa vida.

Retirá-los da linguagem é uma utopia, porque fazem parte da vida e a linguagem é a própria vida, transformada em comunicação com o próximo. Achar que podemos criar uma língua castiça, isenta de palavrões, é querer que o ser humano tenha uma vida sem emoções. Pura teoria, porque razão e emoção são dois conteúdos inseparáveis de quem vive.

É claro que ninguém vai falar ou escrever apenas com palavrões e gírias. Mas a linguagem popular é um fato do mundo e é dela que a língua literária recebe a seiva vital que os escritores e os poetas refinam com sua sensibilidade, para transformar a palavra em arte. Quem esconder este fato está tomando atitude elitista e falsa. Nada pior para o homem do que desconhecer a realidade em que pisa.

Não acho que um livro, mesmo didático, mereça ser banido porque contenha moderadamente algum palavrão que, num contexto literário e narrativo, se coloca nos lábios de algum personagem. Não podemos afastar a vida dos fatos que a constituem. O adolescente sabe automaticamente, pela orientação educacional que recebe, usar o tipo de linguagem que melhor lhe convém. Nenhuma língua se constitui apenas de gírias e palavrões. Mas estes vocábulos, quando usados em contexto apropriado, tornam até interessantes os personagens na trama e no enredo de um conto ou de um romance.

Não podemos perder o justo meio do equilíbrio. Não vamos excluir da linguagem os palavrões nem vamos constituí-la apenas deles. O balanceamento vem quase que por intuição. O que temos de evitar é o exagero, não a realidade, que a fonte de tudo.

Devemos formar nossos filhos e alunos para a vida. E ela tem de tudo. Por isto, nossa obrigação é dar-lhes o instrumento crítico da distinção. É nela que consiste a sabedoria do homem durante a vida.